

GRAMÁTICA • TÉCNICAS DE TEXTO • RETÓRICA

# LINGUA

portuguesa

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO  
7 ANOS

Ano 8 • Nº 84 • 2012 • www.revistalingua.com.br

editora  
segmento

## Vocabulário em construção

Os mais recentes verbetes dos dicionários, como “rúcula”, “tubaína”, “blogar”, “ricardão” e “pré-sal”



R\$ 10,00

ZIRALDO

Cartunista e escritor completa 80 anos sem perder o pique



### O VAZIO DAS ELEIÇÕES

Como a linguagem vaga virou sinônimo de manipulação política

### A ORIGEM DAS LÍNGUAS

A Turquia é mesmo o berço de idiomas como o português?

### FADA É A VOVOZINHA

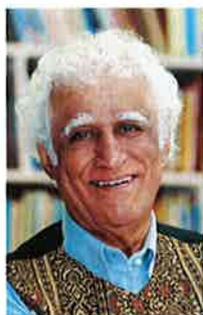
Rapunzel grávida na primeira tradução do original dos irmãos Grimm



A TÉCNICA DE CRIAÇÃO DAS HISTÓRIAS ANIMADAS PELA PIXAR

## 8 Frases

As mensagens de carinho pelo aniversário de Língua



## 12 Entrevista

Ziraldo fala do ritmo intenso de produção, aos 80 anos

## 16 Ensino

Sírio Possenti discute a mudança de "paralímpico"

## 20 Animação

O esqueleto narrativo da Pixar, por Bráulio Tavares

## 26 Etimologia

Mário Eduardo Viaro revê a origem do indo-europeu

## 30 Versão brasileira

A obra de Paulo Rónai para a tradução, por Gabriel Perissé

## 32 Retórica

O uso argumentativo da figura sinestesia, por José Luiz Fiorin

## 34 Obra aberta

Chico Viana analisa um soneto de Gregório de Matos

## 36 O idioma da Língua

Reflexões sobre a linguagem em sete anos de revista

## 44 Lógicas

Aldo Bizzocchi explica as redes neurais da linguagem

## 51 Dito & escrito

Josué Machado vê novo equívoco da mídia

## 52 Vocabulário

Elis de Almeida Cardoso analisa as lógicas de combinação entre as palavras

## 56 Técnica

Como usar a visualidade para melhorar um texto

## 58 Academia

A linguística histórica de Rosa Virginia Matos e Silva

## DESTAQUES



## 18 Audiovisual

A preferência brasileira por filmes dublados vira tendência na TV e no cinema

## 40 Política

O vazio retórico da linguagem dos políticos em tempos eleitorais

## 22 Contos de fada

Nova tradução traz Grimm politicamente incorreto

## 46 Dicionários

Os verbetes mais recentes que entraram em obras de referência

## 60 Cinema

Roteiro de documentário ilumina as brincadeiras com palavras em Raul Seixas, por Sérgio Rizzo

## 62 Berço da palavra

A origem popular de expressões que estão na boca do povo, por Márcio Cotrim

## 63 Prateleira

Lançamentos de livros e obras de referência em linguagem

## 64 Plano de aula

João Jonas Veiga Sobral mostra como usar textos desta edição para aprimorar os estudos

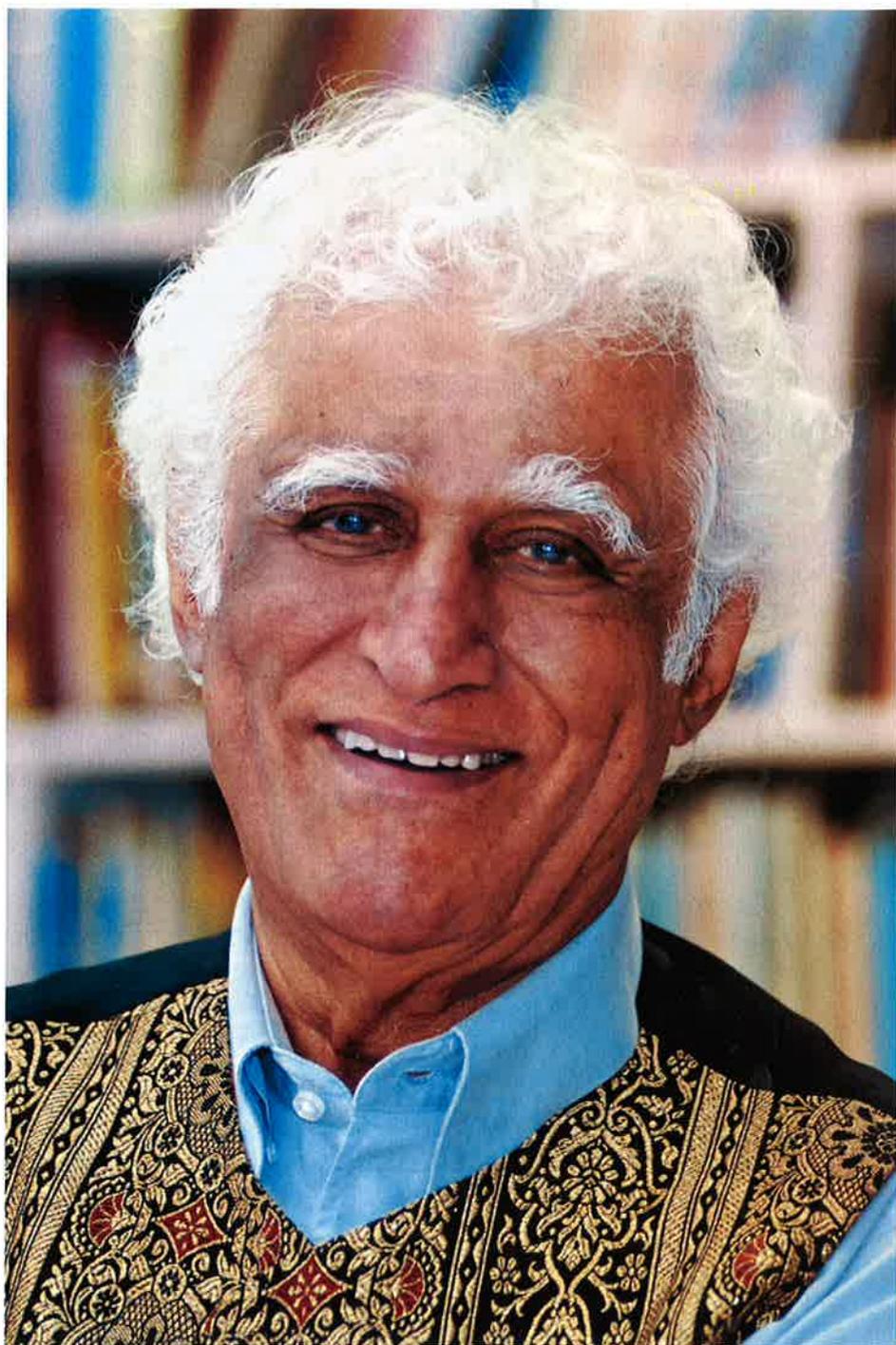
## 65 Navegador

As informações no site da Língua que ampliam o debate desta edição

## 66 O português é uma figura

Thiago de Melo nos traços "amazônicos" de Marcílio Godói





POR BEATRIZ MEDEIROS COSTA PEREIRA,  
GUILHERME MEDEIROS COSTA PEREIRA  
E PEDRO PAULO GAETANI DOS REIS

ANA COLUCCI/ILUSTRAÇÃO

# Num ritmo maluquinho

**Z**iraldo faz 80 anos este mês e está com a corda toda.

O escritor e quadrinhista acaba de lançar um novo exemplar da sua série de galactomeninos, *Os meninos de Marte* (editora Melhoramentos) e enfileira um projeto atrás do outro, nos mais diferentes campos.

Criou uma emissora de televisão on-line, a TV Zira; vai transformar *Grande Sertão: Veredas* em quadrinhos (pela editora Globo), compõe cem haicais de “autoria” do Menino Maluquinho (para a editora Melhoramentos) e prepara exposição de pinturas com mulheres nuas (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro).

O autor passou a desenhar, também, um a um os nomes e tipos de *O Grande Livro dos Nomes*, com a origem de 600 batismos, como Guilherme, Beatriz e Pedro, os nomes de entrevistadores mirins convidados por *Língua* para conversar com o autor durante a 22ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em agosto.

Nascido em 24 de outubro de 1932, em Caratinga (MG), Ziraldo Alves Pinto é o mais velho de sete irmãos, motivo que o fez receber um nome que é a fusão do dos pais, Zizinha e Geraldo. Formou-se em Direito em 1957. Nunca exerceu. Preferiu o jornalismo, desde a página de humor em *A Folha de Minas* (1954).

Precursor do quadrinho colorido com personagens e temas brasileiros (*O Pererê*, 1960), foi preso em 1968 pela ditadura militar. Um ano depois, a obra-prima *Flicts* contava em poucas palavras a história da cor que busca seu espaço no mundo.

Desde então, foram mais de 120 obras que Ziraldo escreveu ou ilustrou. Contista, teatrólogo, jornalista, cartunista, publicitário, criador de revistas (como *Bundas*, *Pasquim 21* e *Palavra*), cartazista (são dele os pôsteres de filmes como *Os Fuzis* e *Os Cafajestes*), pintor

(criou a exposição *Zeróis*, com versões de super-heróis encenando obras de grandes pintores), desde 1979 se dedica ao público infantil em tempo integral.

A entrevista-homenagem, transcrita a seguir, foi feita por uma garotada que para Ziraldo tem a idade ideal para a infância: dos 8 (Guilherme) aos 11 anos (Beatriz e Pedro), meninos e meninas seriam mais conscientes de si, mais inquietos e inteligentes. “Não gosto de criança, mas de meninos e meninas”, admite o autor, o sorriso maroto e amigo. (LCPJ)

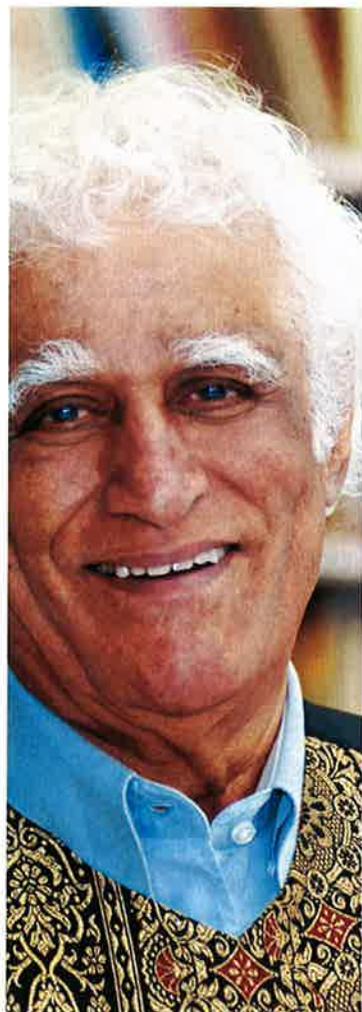
#### **Como imaginou a série que inclui *Os Meninos de Marte*?**

A arquitetura da série é a seguinte: as histórias se passam em um tempo imemorial, século 30 mil. Imaginei o Sistema Solar como uma grande praça com o Sol ao centro, e os planetas brincando nela. Cada menino vem de um “bairro” e todos se conhecem. Só o menino da Lua vem de um satélite. Por isso, ele tenta enturmar-se, e salta para onde estão os planetas para ser aceito. Aí pegou o gosto pela coisa e sumiu pelo espaço sideral, pulando. Se não voltou até agora, só podemos imaginar que é porque lá onde ele está é bom.

#### **De onde tira a ideia dessas histórias?**

Faço muita pesquisa astronômica para imaginar a história geral de cada livro da série e estudo a astrologia para moldar a personalidade de cada protagonista. Quando descobri que o Sistema Solar tem quatro planetas rochosos (Mercúrio, Vênus, Terra e Marte) e outros quatro gasosos, a coisa foi se desenhando na minha cabeça. Daí o menino de Saturno ser um bocado melancólico e o de Urano, sonhador, etéreo como o solo do seu planeta. O menino de Urano é doce como os nascidos em Urano ou de todos os planetas gigantes. A ideia original era ter um

**No mês em que completa 80 anos, escritor engatilha projetos e lançamentos, e diz que “criança” é conceito menos interessante que os de “menino” e “menina”**



livro por ano, que é um jeito de eu enganar a morte: fazendo um por ano, tô garantido [risos].

### É verdade que você não gosta de criança?

Adoro meninos e meninas, mas antes que completem os 8 anos, não tenho lá muita paciência, nem com meus netos. Até os 7 anos as conversas são muito tatibitate, toda pergunta é muito parecida e pobrinha, a criança é uma borboleta no casulo. Aos 8 é diferente, elas já conceituam, já discordam, desafiam, ficam interessantes e inquietas. Ser menino é uma fase que dura só uns quatro anos, dos 8 aos 11 anos. Depois disso, viram adolescentes insuportáveis, complicam tudo e voltam a ficar desinteressantes. Claro que sou educado, não trato ninguém mal, mas não posso dizer que fico particularmente comovido por crianças. Ficaria horas conversando com meninos e meninas de 8 aos 11, mas apenas tolero crianças e adolescentes.

### Depois deste livro vai fazer mais o quê?

Muito fácil dizer. Estou empenhado em concluir a série dos planetas, para a Melhoramentos, e isso vai me tomar cinco anos ainda. Serão dez livros no total. Faltam, se não me engano, as histórias com os meninos de Vênus, Netuno, Saturno, Júpiter e Plutão, que não é mais planeta, mas entrou na conta.

### E depois da série?

Vem aí muita coisa ainda. Estou roteirizando para os quadrinhos o *Grande Sertão: Veredas*, do Guimarães Rosa, que sai no ano que vem. É um projeto da editora Globo, que me interessou muito, mas não vou mudar nada do original. Estou criando também um livro com o Maurício de Souza, ele acabou de me entregar o roteiro, mas só vou conseguir desenhar até o ano que

vem. Lancei na internet a TV Zira, uma emissora com todos os episódios de séries, filmes, textos e imagens com meus personagens, além de comentários meus sobre tudo o que me passa pela cabeça. Não é simples de fazer, pois falta patrocinador.

### O Maluquinho volta em alguma história?

Entrei de cabeça na criação dos haicais do Menino Maluquinho. Quando completar cem, então publico. Por enquanto, tenho outras coisas engatilhadas. Farei uma exposição em abril, *As 20 mulheres do Ziraldo*, com coisas de que crianças gostam muito [risos] que é mulher pelada em pinturas de 2 metros por 2 metros. Serão cinco mulatas, uma Marilyn, uma Betty Grable, por aí. Além do mais, comecei a fazer *O Grande Livro dos Nomes*, com 300 desenhos para batismos femininos, e mais 300 masculinos, com a origem ou simbologia de cada um. Aquela coisa: Leonardo é forte como leão, Pedro é de pedra, Guilherme é guerreiro e Beatriz, a que alegra todo mundo.

### Qual a melhor maneira de criar livros infantis?

Ficar ligado o tempo todo. Do mesmo jeito que o sambista olha a folha da mangueira caindo e diz: "Isso dá samba...". Olho as coisas do mundo, aquele jeito distraído-atento, até que algo me toma a atenção e digo: "Isso dá um livro!". Quando estava criando a história de *Os Meninos de Marte*, isso ocorreu. O marciano é um ser pequeno e verde, e toda ficção científica insiste em que ele tá por aí. Resolvi levar essa insistência a sério quando me lembrei da piada do Sérgio Porto: "O marciano está entre nós, é o (socialite) Jorge Guinle" [risos]. Aí parti da ideia de que não existem habitantes em Marte, não há crianças, só meninos e meninas. As ideias vêm de toda

parte quando você está de prontidão. Há uns dois anos, fui a Vila Velha (ES) fazer palestra sobre *O Menino da Lua* e uma garotinha perguntou: por que os seus planetas são só de meninos? Respondi que penso com cabeça de menino. “Não é isso, não”, disse ela. “É que meninos são dos planetas e meninas são das estrelas”. Achei a ideia linda e decidi criar minha primeira protagonista menina em *O Namorado da Fada*. A fada quebra o galho de todo mundo, mas não tem amor, namorado, nada. Eu me toquei de que, dos meninos, quem assentaria namorar a fada é Urano, um cara etéreo, dono do céu, todo azul. Vou criando a série dos meninos planetas conforme a ideia ocorre. Descobri, por exemplo, que a palavra chinesa para “Terra” era a mesma de “menino”, Nan. Logo, o menino da Terra é amarelo, com seu nome chinês no peito.

**O Menino da Terra foi traduzido na China. Como é ver suas histórias em outros países?**

É um desafio muito específico. Tive de mudar a capa de *O Menino da Terra*, por exemplo, para entrar na China. Acabam de chegar por lá a série dos planetas meninos e o *Flicts*. Mas os chineses não se reconheceram no personagem, pois o chapéu dele lembra o dos camponeses da Revolução Cultural. Aí tive de mudar a capa, fazer outro desenho da roupa. A Ásia é um desafio. *Menino Maluquinho* e *Flicts* estão agora na Coreia. Ao contrário do que muitos imaginam, as tiragens de livros na China não são gigantescas, principalmente para autores de fora. Mas na América Latina, a conversa é outra. No Uruguai, sou provavelmente o autor infantil mais lido e há duas escolas com meu nome, em Rivera e Montevideu. Na Argentina, livros meus são adotados nas escolas, assim como na Gua-

temala e no Chile. Já na Europa, é difícil. A Inglaterra, por exemplo, encara *Flicts* como um livro de arte e, nas livrarias, ele nunca é posto na prateleira dos infantis.

**Gosta dos livros que fez?**

Vejo que, em muitos deles, eu poderia ter trabalhado mais. Por isso não gosto de ler o que já publiquei. Escrever é muito difícil. Até achar a coisa justa, é aquele sacrifício... Faço aquilo que o Millôr me disse: é preciso escrever para seu leitor mais inteligente. Se dizem que a criança não vai entender, pode ser, mas terei alguns que vão gostar. Há quem ache que sou best-seller porque facilito a vida da criança. Sou porque difículto. E isso não é fácil [risos]. Muita gente já disse e repito, sem pose nenhuma: quanto entrego um original para a editora é para me livrar dele.

**Qual a sua criação preferida?**

Não saberia dizer, mas a que mais respondeu a uma necessidade que eu tinha ao criá-la talvez tenha sido mesmo o *Menino Maluquinho*. Criei o personagem aos 47 anos, em 1980. Na época, era uma coisa que me passava pela cabeça essa ideia de causa e consequência, de que se você é infeliz na infância vira um grande artista. Se é possível fazer da infelicidade infantil uma grande obra, da felicidade infantil sairá um grande ser humano, né não? O sofrimento na infância é muito bom para criar artistas. Já minha aposta é que meninos felizes talvez tenham mais chance de se tornarem adultos de qualidade, seres humanos bem-resolvidos, mais compreensivos com as contradições das coisas e das pessoas.

**Você foi feliz ou infeliz na infância?**

Como tive uma infância feliz, jamais serei um grande artista [risos].

**“Se é possível fazer da infelicidade infantil uma grande obra, da felicidade infantil sairá um grande ser humano, né não? Daí veio o Menino Maluquinho”**